

DEPOIMENTOS

*Organizados por Mônica Hallak Martins da Costa**

Deponentes:

Ana Selva Albinati
Ângelo Leite
Antônio Lopes Alves
Carlos Magno Machado
Celso Eidt
Frederico Almeida Rocha
José Divino Lopes Filho
Juracy Amaral
Leonardo Gomes de Deus
Leônidas Dias de Faria
Lúcia Ap. Valadares Sartório
Maria Cláudia Almeida Magnani
Mônica Hallak Martins da Costa
Rodrigo Alckmin
Ronaldo Vielmi Fortes
Sabina Maura Silva
Sílvia Pereira Barbosa
Vinícius Lima

* Graduada em serviço social pela PUC-MG, mestre em filosofia pela UFMG e doutoranda em serviço social pela UFRJ. Professora da Escola de Serviço Social da PUC-MG.

Introdução

O leitor encontrará nos relatos reproduzidos a seguir o testemunho de diferentes gerações que mantiveram contato e sofreram influência do Prof. José Chasin a partir de 1986, quando ele chegou a Belo Horizonte. Os textos foram escritos, em sua maioria, por pessoas que foram seus alunos no curso de filosofia da UFMG.

Todos os depoimentos tratam brevemente do contato de cada um com Chasin e do impacto dessa convivência em suas vidas nos aspectos pessoal, profissional, acadêmico e na militância política (quando esse é o caso), seguindo os indicativos de um roteiro previamente distribuído por meio eletrônico. Não houve nenhuma espécie de seleção na publicação dos relatos. Todos os depoimentos enviados foram publicados.

O roteiro foi enviado para tantas pessoas quantas foi possível contatar e não houve obrigatoriedade nenhuma de ser seguido na íntegra, mas oferecia ao ex-aluno uma orientação na abordagem. Algumas pessoas se entusiasmaram excessivamente no relato e tiveram seus textos reduzidos para esta edição, a fim de manter certa harmonia no conjunto, mas não houve nenhuma alteração no conteúdo apresentado.

Os pontos sugeridos no roteiro contemplavam aspectos objetivos da convivência com o Prof. Chasin que pudessem oferecer ao leitor que o conheceu a lembrança de seu caráter firme, do seu bom humor, da sua capacidade de envolver o público em suas reflexões. Para o leitor que não o conheceu buscou expor um perfil, o mais fiel possível, de seu estilo único.

As pessoas que se manifestaram acerca do encontro com Chasin mantiveram com ele níveis distintos de aproximação. Alguns foram seus alunos por muitos anos e também ingressaram no *Movimento Ensaio*, outros freqüentaram suas aulas por um período curto e outros, ainda, não chegaram a conhecê-lo em sala de aula.

Além da diferença nos níveis de contato, são também muito distintas as características de cada autor dos relatos. Chasin foi professor de alunos da graduação, ingressantes no curso de filosofia aos 18 anos de idade (como é o caso de Antônio Alves), de estudantes da pós-graduação (tanto do mestrado quanto do doutorado) em filosofia e em outros cursos (ciências sociais, comunicação, direito, engenharia, história, medicina, pedagogia, psicologia, serviço social etc.) que chegaram ao Departamento de Filosofia atraídos por referências diversas acerca de um estudioso de Marx e Lukács com uma abordagem distinta daquela usualmente divulgada na academia. Havia também professores (da UFMG, de outras escolas públicas e privadas de Belo Horizonte, do interior e mesmo de outros estados) e militantes de esquerda que viam na análise empreendida por Chasin a oportunidade de refletir os descaminhos na luta política revolucionária. Portanto, a diversidade do “público”

que acompanhava as aulas e o trabalho do Prof. Chasin encontrará aqui apenas uma pequena, mas significativa, amostra.

Será fácil observar que alguns comentários acerca da personalidade e estilo do Prof. Chasin aparecem em vários depoimentos, outros são apresentados em um número menor de testemunhos. Mas também não será difícil constatar que nenhuma dessas pessoas passou incólume pelo contato com o filósofo marxista, o que, segundo diversos depoimentos, era algo impossível.

Todas as pessoas que falaram do convívio com Chasin buscaram, claro, homenagear aquele que foi, para alguns, um grande mestre, para outros, a referência mais significativa de suas vidas. A homenagem, no entanto, não se perdeu em mitificações ou culto à personalidade (como comenta Cláudia Magnani em seu texto), mas se atém aos aspectos da convivência com o Prof. Chasin que cada um considerou oportuno lembrar. Mas há uma direção clara no testemunho de todos: como bons alunos, aprenderam com seu mestre a olhar para o futuro e, por isso, enfatizam, na lembrança dos momentos que vivenciaram com ele, não a saudade que paralisa, mas a que impulsiona a continuar sua luta e seu trabalho.

Os depoimentos estão dispostos iniciando pelos ex-alunos que primeiro tiveram contato com o Prof. Chasin, de modo que os textos iniciais são dos alunos mais antigos, e os últimos, daqueles que tiveram contato com ele mais recentemente. O último depoimento resgata trechos do curso ministrado por Chasin no ano de sua morte (1998) e termina com uma dessas passagens, transcritas muito fielmente pelo autor (Frederico Rocha), que optou por manter o caráter incompleto de seu relato, e assim ele será apresentado. O registro de Rocha tem também o mérito de descrever o ambiente intelectual encontrado pelo estudante que ingressa no curso de filosofia (talvez possamos ampliar para todos os cursos da área de ciências humanas) atualmente. Mesmo em se tratando, no seu caso, de uma universidade específica, o quadro delineado por ele reproduz, certamente, o estilo difundido nos meios acadêmicos em todo o mundo. Como o seu depoimento foi construído pelo contraste entre este cenário e o impacto causado pelo contato com Chasin, ele foi o único mantido na sua integralidade, apesar de ultrapassar o limite previsto para os textos.

Seguem, sem mais delongas, os depoimentos dos ex-alunos.

SABINA MAURA SILVA:

Em 1984 concluí minha licenciatura em história e em 1985 iniciei o curso de graduação em filosofia na UFMG. Conheci Chasin no ano de 1986, quando fui sua aluna no curso de filosofia. Fui cursar a disciplina oferecida por ele porque se tratava de Marx e, a partir daí, nunca deixei de frequentar seus cursos.

No curso de história, as posições dos professores acerca de Marx, da URSS, das ditaduras latino-americanas, em particular a brasileira, eram controversas. Ainda estávamos sob o militarismo, sob sua resistência agônica feroz. Mas, apesar de saber que corríamos riscos, fazia parte de um grupo de alunos entusiastas das idéias do Partido dos Trabalhadores. Embora nunca tenha me filiado ao Partido, tampouco tenha sido uma militante, nutria simpatias pelo PT. Considerava-o um partido revolucionário. Quanta ilusão!

Ao concluir o curso de história, tinha uma questão a ser resolvida e sabia que só a filosofia poderia respondê-la: qual a razão dos fatos? Qual o porquê da história? Entre os vários professores que tive, aquele que indicou as respostas foi Chasin.

Considero impossível alguém não sair impactado de um encontro com Chasin, seja de forma negativa ou positiva. Muitos o julgavam arrogante e tantos outros, como eu, éramos atraídos por sua capacidade de nos fazer pensar sobre nossas convicções e refletir sobre suas correções ou equívocos.

Chasin conseguia, com exemplos aparentemente prosaicos, fazer com que as questões filosóficas descessem do céu das abstrações para se tornarem concretamente compreensíveis. Estudioso rigoroso, não se comportava com um detentor da verdade, mas como alguém que, dialogando com as questões surgidas ao longo das discussões em aula, era capaz de aproveitá-las como novas fontes de reflexão.

Com Chasin, aprendi a compreender a realidade. Aprendi como entender as vicissitudes da formação social brasileira, a não nutrir falsas esperanças na ação política e nos partidos políticos, a distinguir o verdadeiro escopo revolucionário propugnado na obra de Marx. Com ele, aprendi como elaborar com rigor – e, sobretudo, com honestidade intelectual – um trabalho acadêmico.

Em 1991 me liguei ao projeto *Ensaio – movimento de idéias/idéias em movimento*. Já era consumidora ávida das publicações e, abraçando a proposta, contribuí muito modestamente com o esforço enorme, liderado por Chasin, de mobilizar no cenário brasileiro um ambiente de debates sobre questões candentes acerca da realidade nacional e mundial, sobre o domínio do irracionalismo e sobre o abandono da perspectiva revolucionária da emancipação humana.

Em 1994, ingressei no mestrado sob sua orientação. Convencida por suas comprovações documentais da necessidade de redescobrir o pensamento de Marx, falsi-

ficado pelas conveniências do chamado *socialismo real*, adulterado pela incompreensão dos intérpretes, vilipendiado pela desonestidade dos arautos do capital. Infelizmente, Chasin não pôde ver o resultado deste trabalho que tanto auxiliou, como o de muitos outros que, com certeza, gostaria, levado que foi pelo que definia como a dimensão não-humana da vida humana.

Após dez anos de sua morte, Chasin continua sendo uma referência constante em minha vida, tanto intelectual quanto pessoal. Mais que meu professor e orientador, tornou-se o meu maior amigo. Alguém com quem sempre pude contar nos momentos difíceis. Alguém que, detentor de imensa generosidade, sempre esteve disponível para um conselho e uma palavra acalentadora, sem deixar de apontar os erros ou equívocos.

Sinto imensa saudade daquele que me ajudou a ser melhor do que eu era. Sinto imensa falta daquele que nunca desistiu do futuro, que nunca desistiu das pessoas, mesmo tendo sido por muitas traído. Sinto imensa falta daquele cujo caráter é cada vez mais raro nos dias de hoje.

MÔNICA HALLAK MARTINS DA COSTA:

Em 1986, quando cheguei ao 8º andar do prédio da Fafich da Rua Carangola, fiz matrícula em duas disciplinas que alguns amigos haviam indicado por causa de uma professora que fazia muito sucesso na época: cultura e filosofia gregas. Além delas, ingressei também em uma terceira, que escolhi a partir da leitura da ementa. Não tinha nenhuma outra referência. Era um curso sobre os estudos de economia desde a Grécia antiga até a crítica da economia política no século XIX. O professor havia chegado da Paraíba com sua esposa – a Profa. Ester Vaisman –, que era também professora do departamento. Só vim a conhecê-la no semestre seguinte.

Fiquei completamente fascinada desde a primeira aula. Apesar dos conhecimentos e de todas as referências da outra professora que ministrava a disciplina de cultura grega, as aulas do Prof. Chasin eram muito mais ricas de conteúdo acerca do cotidiano na Grécia antiga, pois, ao apresentar o texto de Xenofonte (*Econômico*), ele tratava da reprodução da vida material, dos costumes, enfim, da cultura. Não chegamos a terminar a parte relativa a Aristóteles (veja bem: a proposta da ementa era chegar ao século XIX), mas não importava. Àquela altura, interessava-me continuar a acompanhar as aulas de Chasin fosse qual fosse a disciplina que ele ministrasse.

Em 1990 ingressei no mestrado e a linha de pesquisa coordenada pelo Prof. Chasin se voltava, na época, aos textos de Marx no início do período propriamente marxiano, ou seja, após a ruptura com Hegel, em 1843. Foi um grande privilégio

ter os *Manuscritos de 1844* como objeto de pesquisa, pois era meu interesse analisar a categoria da alienação e era parte do projeto do grupo a dedicação a este que foi o primeiro trabalho de Marx sobre economia política. Os alunos que ingressaram no programa no mesmo período assumiram outros temas relacionados aos textos de Marx de 1843 a 1847. Tratava-se, portanto, de um trabalho coletivo sob a orientação e coordenação do Prof. Chasin, claro, mas delegando a cada um de nós a responsabilidade de manter o rigor na sua pesquisa individual e o compromisso de trocar e difundir os resultados.

Ao mesmo tempo em que seguíamos com nossas pesquisas e o estudo de Marx (e, em menor medida, também da obra tardia de Lukács), mantínhamos o debate acerca da questão nacional. Desde o primeiro ano em que conheci Chasin, ou seja, 1986, numa mistura de curiosidade e resistência, eu tentava entender uma posição política que era pautada no estudo da especificidade do capitalismo brasileiro – a *Via Colonial* – e que se propunha a assumir propostas diversas – não necessariamente defendendo este ou aquele partido – que estivessem em consonância com o desenvolvimento nacional. Imediatamente me identifiquei com a crítica em relação à postura de alguns partidos políticos de não votar em Tancredo Neves em 1985. Foi um alívio conhecer dois marxistas que consideravam importante assumir o apoio possível para aquele momento.

A curiosidade e o interesse aumentavam na medida em que as propostas políticas estavam coerentemente articuladas com a discussão teórica acerca da ontonegatividade da política em Marx – sem dúvida, uma das maiores conquistas das pesquisas de Chasin, que supera, inclusive, o legado lukacsiano – e com a compreensão dos problemas nacionais.

Em sala de aula, o Prof. Chasin era, antes de tudo, um provocador. Buscava sempre estimular o debate e fazia longas digressões que, no entanto, sempre eram muito pertinentes e nos ajudavam a entender a multiplicidade de implicações das questões em pauta. O estilo provocador de Chasin, associado à dificuldade dos alunos com o ineditismo de sua abordagem, muitas vezes resultava em conflitos em sala de aula. Da perspectiva do presente, posso avaliar como eram situações distintas daquelas usualmente ocorridas na academia. Pois, ao contrário de se curvar diante da dificuldade dos alunos (que, com frequência, manifestavam-se com certa arrogância), o Prof. Chasin mantinha seus argumentos e continuava a colocar questões que desarmavam os do interlocutor. Como se pode imaginar, eram situações tensas e que lhe renderam a fama de autoritário e intransigente. Ele, de fato, não tolerava o acobertamento das dificuldades e as facilidades estimuladas, de certa forma, na vida acadêmica. Quanto a isso, temos seu testemunho, ainda que incompleto, no texto

publicado nos quatro tomos da revista *Ensaaios Ad Hominem* 1: “Rota e prospectiva de um projeto marxista”.

O meu contato mais sistemático com o Prof. Chasin, no entanto, foi no *Movimento Ensaio*. Reuníamos-nos quinzenalmente na casa de um dos participantes e uma vez no mês – ou talvez uma vez a cada dois meses (não me lembro bem) – na casa dos professores Chasin e Ester. Era sempre um momento muito precioso, pois, além de rever a organização de nosso trabalho, tínhamos a oportunidade de conversar sobre a escolha e o conteúdo das publicações, as questões em pauta nos cenários nacional e internacional e, claro, as idéias de Marx e Lukács. Inicialmente, o que achei mais curioso (porque era muito diferente das minhas outras experiências de participação política) era a centralidade do trabalho. Havia, ao mesmo tempo, certo estímulo à ajuda mútua, mas sem expor as dificuldades das pessoas. Nunca havia participado de um ambiente tão respeitoso, sem ser distante ou indiferente. Mas, muito além de minhas impressões pessoais, chamava a atenção o envolvimento de Chasin em todo o processo de construção do trabalho: desde a escolha das publicações até a sugestão de pontos de venda e difusão, passando pela diagramação dos livros, contatos com os autores – enfim, ele estava atento a cada detalhe.

Um grande estímulo para o Prof. Chasin, no último ano de sua vida, foi a ligação de alguns jovens estudantes de filosofia com o seu trabalho. Mas, pouco depois da seleção em que alguns desses novos alunos ingressaram no mestrado, Chasin veio a falecer, sem chegar a orientá-los.

Dez anos depois, não consigo ainda dimensionar o que significou essa perda. Continuar o trabalho do Prof. Chasin era, e continua sendo, impossível. Tentamos levar adiante nossas pesquisas e manter a divulgação de suas idéias, mas em um âmbito infinitamente mais restrito. De todo modo, o pouco que conseguimos manter é a prova mais concreta do legado deixado por ele: a confiança no trabalho conjunto, que lhe custou o investimento sistemático e prioritário na formação das pessoas, e não só diretamente na produção teórica.

ANTÔNIO LOPES ALVES:

Eu tive a felicidade de conhecer Chasin logo no início de meu curso de graduação em filosofia, no ano de 1986. Por coincidência, fui aluno dele numa das primeiras turmas para as quais lecionou na Fafich, ainda no bairro Santo Antônio, quando veio da UFPb para a UFMG. A disciplina não era diretamente do curso, mas pertencia ao antigo Ciclo Básico de Ciências Sociais. Foi uma experiência fascinante, em todos os

aspectos e acepções do termo. Tinha acabado de concluir o ensino médio, quando vim a “cair” na Fafich, sentindo um misto de curiosidade, excitação pela nova fase de minha vida e, também, bastante receio de não ter as qualidades requeridas para enfrentar esse desafio, que era a academia. Quando me deparei com Chasin, esse conjunto conflituoso só fez crescer, pois, em função de minha pouca idade e experiência de vida, era ainda bastante imaturo. No entanto, a percepção, ainda que confusa, da propriedade das suas colocações colaborou para que as dificuldades iniciais fossem superadas, não sem muito esforço e lágrimas, na direção de uma crescente simpatia pessoal e afinidade para com as idéias trazidas pelo professor.

Já desde o primeiro encontro, chamou-me a atenção a sua firmeza na posição das teses e problemas, a sua postura ao mesmo tempo magistral, de quem domina muito bem seu ofício e tem algo de relevante a dizer, e extremamente disponível para as dúvidas e inquietações da turma. Chasin sempre primou pela extrema responsabilidade intelectual e didática, buscando simultaneamente indicar referenciais e transtornar completamente as seguranças tão caras e dogmáticas do senso comum burguês. As aulas eram momentos gratificantes, apesar de difíceis, ainda mais para um neófito imaturo como eu, pois as questões levantadas e as discussões levadas a efeito tinham sempre o *télos* de nos obrigar a pensar e abandonar a cômoda preguiça intelectual.

O mais importante entre os elementos da personalidade de Chasin, que o distinguiam dos demais professores, além dos acima mencionados, era a sua capacidade de, ao mesmo tempo, ser extremamente rigoroso e atencioso para com as perguntas e intervenções dos alunos. Ele não incorria na prática deletéria – hoje mais corrente que há 20 anos – de aceitar todos os argumentos como válidos, como “contribuições para o debate”. Mas, num mesmo movimento, tentava integrar as inquietações teóricas e axiológicas dos estudantes ao objeto-texto da aula. As coisas sempre ficavam muito claras para os alunos. Tanto os pontos de contato quanto os de divergência, mas com um traço de respeito, que naquele tempo já era bastante invulgar. Ele exigia o máximo esforço e trabalho dedicado no entendimento dos textos, tencionando sempre tornar os sentidos e os temas o mais claros possível, sem perder de vista a exigência de correção acadêmica e de honestidade intelectual.

Chasin sempre se portou como um *mestre, Magister*, no sentido mais verdadeiro do termo. Alguém que se empenhava continuamente em *conduzir* o processo com autoridade – a autoridade do conhecimento – e suavidade exigidas na relação com o aprendiz. Fora da sala de aula, instância a que vim a ter acesso quando me tornei um dos seus orientandos, envidava esforços sempre no sentido de tornar as relações as mais francas e abertas. Era um exemplo que transcendia, apesar de englobar, a di-

menção teórica, de honestidade e de retidão para com valores e posições. Ao mesmo tempo, possuía uma disposição incomum para o diálogo e o auxílio, transformando o convívio em exercício de terna e sincera camaradagem.

O contato com Chasin com certeza me impactou em vários momentos e em diferentes sentidos, tanto no que se refere ao aspecto acadêmico e profissional quanto ao pessoal e moral. Ele acabou por tornar-se um sólido referencial para mim. Firmeza de propósitos e valores, disponibilidade para com as pessoas e uma capacidade ímpar de “apostar” no outro, são, para mim, as qualidades mais marcantes da personalidade de Chasin.

Li diversos textos de Chasin, como aluno, depois como orientando, e hoje como alguém que tenta, dentro de meus limites, desenvolver as elaborações impressionantes e de grande alcance legadas por seu trabalho. Destaco, em especial, dois: “Da razão do mundo ao mundo sem razão” e “Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica”. O primeiro me marcou profundamente pelo fato de ter encontrado nele a primeira aproximação explicativa coerente e rigorosa do Leste Europeu, exemplar histórico-social que, por motivos familiares e de índole, sempre me incomodou no que tange à correta compreensão e classificação. Meu pai foi um acólito do marxismo, mas nas versões dominantes, que identificavam, sem mais, a revolução ao processo soviético e o que dele surgiu ao comunismo. Isto sempre me incomodou... O segundo, não apenas pela sua importância na crítica dos desvios e perversões teóricos e práticos do marxismo, mas também pela força imagética que anima e emana de várias passagens, em que se dá o encontro feliz entre o poder de expressão e a verdade do expressado, como na parte referente ao fato de que *método* é caminho sempre particular de objetos particulares em especial na página 516 ss da edição de *Pensando com Marx* (Ensaio, 1995).

Tive conhecimento e participei das atividades de difusão de obras e idéias publicadas e discutidas pelo *Movimento Ensaio*. Foi uma iniciativa sem paralelo, para a época. Empreendimento que, por sua envergadura e grau demandado de comprometimento, pareceu estar bem à frente das possibilidades subjetivas do tempo em que foi proposto e organizado. Hoje, algumas correntes copiam, de maneira canhestra e enviesada, determinados elementos parcialmente percebidos no projeto Ensaio.

As análises chasinianas primaram sempre pela coerência teórica, pela solidez argumentativa e pelo arrimo textual, documental e factual rigoroso. Mas, acima de tudo, por um respeito incondicional à ordem objetiva dos desenvolvimentos históricos efetivos. Nunca incorrendo no difundido hábito de “torcer um pouco” os fatos e processos para que eles caibam nos argumentos e conclusões.

A vivência que tive com Chasin exerceu enorme mudança em meu modo de ser

e pensar, especialmente no sentido de valorizar o que de melhor, de horizonte de possibilidades, as pessoas, as situações e problemas podem apresentar. Assim como da imperiosa necessidade de manter-se lúcido e decente, e da urgência de pensar os destinos humanos, sem a mesquinha e limitação das formas prosaicas de encarar a existência.

VINÍCIUS LIMA:

Conheci Chasin em 1986, quando tive notícias de que ele dava aulas sobre Marx e Lukács na Fafich. Tinha um amigo, Élcio Marques, que falou dele para mim e nós procuramos nos aproximar do intelectual, mas jamais fomos alunos dele. A referência que tínhamos dele era teórica e de amigos da Faculdade de Direito da UFMG.

A diferença principal entre Chasin e os outros professores era a de que ele fazia a ponte entre a filosofia e a prática material, incluída a política, que ele criticava do ponto de vista marxiano; sempre dizia que a Filosofia era eminentemente prática (nada a ver com o pragmatismo...).

Chasin era muito acessível e sempre nos chamava (eu e Élcio) para assistirmos às aulas, mas nunca entramos. Um episódio interessante foi quando Élcio descobriu a obra de Lukács – *El asalto a la razón* – na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG (Face) em 1987, relegada “à crítica roedora dos ratos”. Achamos um absurdo, pois não havia nenhum exemplar na Fafich, naquela época. Pedimos, então, à bibliotecária da Face para enviar o livro para a filosofia, pois lá havia um professor que era discípulo do autor e a obra lhe seria muito útil. Quando o livro chegou à Fafich mostramos a Chasin e ele ficou muito contente. Depois, foi difícil retirar o livro da Biblioteca, pois ele só vivia emprestado. São coisas que ninguém sabe, mas eu fui o responsável pela idéia do envio do livro para a Fafich, com o apoio de Élcio.

O impacto muito positivo de Chasin veio por meio da Editora Ensaio. Acompanhei todo o “movimento de idéias” e comprei quase todos os livros publicados nos anos 80 e 90. Li o livro que detona Plínio Salgado; o livro é muito bom e cobriu uma lacuna na crítica ao integralismo; li muita coisa que ele publicou

Quanto à redescoberta de Marx, sua tarefa foi importante porque cavou uma trincheira marxista na Fafich, jamais capitulou diante da filosofia reacionária e incentivou as novas gerações a ler o Barbudo e a desmistificar a idéia de que Marx não era “filósofo”, mas “economista” e outras idiotices acadêmicas...

Chasin trouxe a problemática da emancipação humana para a ordem do dia, algo que estava no jovem Marx; fez a crítica materialista da política, em seu sentido

negativo e antipositivista.

Chasin era um sujeito que sabia que a militância ignara não servia às causas da revolução social; ria dos oportunistas de plantão e era severo crítico de Lula e da tal “esquerda”; lembro-me bem de uma crítica que ele fez de um trabalhador do canal paulista que foi cooptado por Maluf...

Em vista de tantas adversidades reacionárias, Chasin deixa saudades, porque estamos divididos e desarticulados e isto não é bom para nós, que gostamos das idéias do Barbudo...

JOSÉ DIVINO LOPES FILHO:

Conheci o Prof. J. Chasin como seu aluno na disciplina introdução à ontologia de Marx, do curso de filosofia da UFMG. A disciplina foi ministrada no segundo semestre de 1987. Não tinha nenhuma referência sobre ele, ainda que após sua chegada à UFMG houvesse comentários sobre sua trajetória e o seu trabalho.

Pessoalmente, eu o considerava uma pessoa “curiosamente” vaidosa. Quero dizer, a sua lucidez intelectual acerca da realidade, dos homens, parecia dar a ele uma convicção existencial que ele sabia muito bem usar na sala de aula. Neste cenário, sua forma elegante de se vestir para as aulas, e mesmo de fumar, contribuíram para compor a imagem que me ficou do Prof. J. Chasin.

No período em que fui estudante de filosofia na UFMG, alguns professores se diferenciaram muito uns dos outros, felizmente. O Prof. J. Chasin se caracterizou por sua contundência nos posicionamentos que assumia, tomando partido nas questões, particularmente políticas, que se colocavam no contexto nacional e internacional. Para nós, estudantes, esta atitude foi encorajadora e profícua, porque, ao assumir suas posições, ele as fazia com convicção e densidade teóricas. Nas duas oportunidades em que fui seu aluno, por dois semestres, eu nunca o vi, a propósito de estarmos em Minas Gerais, “em cima do muro”.

Sua postura dentro e fora de sala de aula era de coerência entre seus pressupostos teóricos e a sua forma de pensar o mundo. Naqueles anos, 1987-1988, um grupo de estudantes da Fafich, do qual fiz parte, e amigos militantes desejosos de aprofundar a reflexão sobre a sociedade e a política brasileiras da época, num movimento fora da Universidade, criaram um centro de estudos para realizar palestras, cursos, chegando até a disponibilizar uma pequena livraria para os sócios e frequentadores. O Prof. Chasin, sabendo desta iniciativa dos estudantes, dispôs-se a colaborar, oferecendo sua participação para palestras e aulas. Parece-me ter sido o único professor da Universidade a incentivar pessoalmente esta iniciativa. O centro foi extinto, mas

vários daqueles que se vincularam a ele continuam contribuindo para uma reflexão crítica da realidade. E penso que a atitude do Prof. J. Chasin ficou como um incentivo a todos sobre “o pensar e o participar”.

Especialmente na condição de aluno, creio ser impossível ter convivido com o Prof. J. Chasin sem que se tenha recebido algum impacto. Penso que seu impacto fundamental diz respeito ao método: contundência e consistência. Porque, se seus ensinamentos de estética e ontologia em Marx, como todo aprendizado na filosofia, são obra da disciplina intelectual, a capacidade de sustentar conceitos e princípios enquanto fundamento de reflexão ontológica da realidade exige metodologia que sustente o discurso. E hoje reflito que esta foi, para mim, a maior virtude do Prof. J. Chasin.

Chasin, enquanto fui seu aluno, sempre me pareceu muito criterioso no que se refere aos objetivos das disciplinas que ministrava. Metódico, colocava em prática aquilo que enunciava: “antes de interpretar e criticar, é incontornavelmente necessário compreender e fazer prova de ter compreendido”. Demandava, assim, leitura exegética dos textos adotados (Marx, Lukács...), protelando a leitura de seus próprios textos. Através da Ensaio é que passei a ter contato com os textos do Prof. J. Chasin. O último que li, e também aquele com que mais tenho afinidade (pelo menos até o presente momento), porque abarca fundamentos de categorias centrais no pensamento do filósofo J. Chasin foi “Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica”, posfácio de *Pensando com Marx: uma leitura crítico-comentada de O capital*, de Francisco J. S. Teixeira, publicado pela Ensaio em 1995.

Quando conheci o projeto o considerei arrojado, especialmente porque a proposta editorial requereria um esforço material significativo dos editores para lhe dar regularidade. Recordo-me que mais de uma vez ouvi o professor J. Chasin comentar o valor deste esforço, reiterando que ao rigor e profundidade do conteúdo deve estar colado um projeto editorial de qualidade. Não acompanhei a evolução do projeto e as circunstâncias que a definiram, mas, independentemente disto, a sua contribuição ao entendimento da filosofia marxiana é definitiva.

Não me sinto muito à vontade para opinar sobre o impacto global das análises do Prof. Chasin acerca do contexto brasileiro em geral, visto que não acompanhei esta evolução. Contudo, pelo alcance da percepção que me foi possível até o momento, considero capital sua teoria e metodologia de análise e compreensão das ciências sociais, por meio da perspectiva ontológica. Traduz uma forma de sistematização da realidade social, que acredito muito proveitosa, para que profissionais possam trabalhar e oferecer alternativas mais de acordo com a objetividade social. Por exemplo, penso que a forma como os assistentes sociais se apropriaram desta

perspectiva qualificou bastante suas elaborações.

Nos dois semestres em que fui seu aluno, lembro-me do professor J. Chasin insistindo na necessidade da releitura de textos marxianos, em função de uma certa apropriação indevida de termos como “dialética”, “ontologia”. Uma boa síntese do que ele queria nos ensinar, é o que gostava de repetir, referindo-se aos *Manuscritos* de 44: “todo ser é objetivo”. Era impressionante a derivação que ele construía a partir da exegese desta sentença, mostrando-nos que o homem é um ser que só o é porque age. Ao propor, trabalhar e construir o contexto para redescobrir Marx, J. Chasin não apenas chamou a atenção para o necessário debruçamento sobre os escritos marxianos, como fez repercutir esta leitura na prática das ciências sociais, conforme afirmei anteriormente.

Por considerar o homem um ser ativo, volitivo, pensante, proponente de ideologias etc., evidentemente ele estava visceralmente comprometido com a questão da emancipação das potencialidades humanas. E o mais interessante de seus argumentos: esta emancipação deve ser produto da ação humana em seu cotidiano, sem expurgar dele as manifestações superiores do espírito. Ou seja, a cotidianidade e as formas superiores jamais rompem seus liames.

Exatamente porque percebo o valor do que assisti e aprendi nas aulas do Prof. J. Chasin e nas leituras de sua bibliografia e naquela recomendada por ele, demonstrar os efeitos disso numa vida é tarefa árdua. Mas vou sintetizar esta importância no meu cotidiano, reproduzindo a famosa frase de Marx, com a qual Lukács abre o volume 1 da sua *Estética*, e que o professor J. Chasin não cansava de repetir e nos explicar: “No lo saben, pero lo hacen”.

Gostaria muito de apreciar, no volume que está sendo preparado, textos que ressaltem a contribuição particular do professor J. Chasin para leitura, análise e interpretação da estética marxiana a partir da volumosa e pouco conhecida *Estética* de G. Lukács.

MARIA CLÁUDIA ALMEIDA MAGNANI:

Conheci o Prof. Chasin no curso de filosofia na Fafich/UFMG, acredito que em 1988. Não tinha referências, a não ser informações de colegas de curso que desaconselhavam a matrícula nas disciplinas ministradas por ele, em função de um suposto excesso de rigor. Chasin foi uma das pessoas mais humanas que conheci, tanto no que se refere à sua atividade como profissional quanto como pessoa. Chamava a atenção a sua coerência, franqueza, honesti-

dade pessoal, dedicação ao trabalho e, desnecessário dizer, sua competência.

De uma maneira geral, são raros os professores que produzem tanto, tão dedicados e verdadeiros em seu trabalho, em sua produção intelectual e que têm uma ação que extrapole ensino, pesquisa e extensão dentro da universidade.

Não era possível ser indiferente ao contato com o Prof. Chasin. No meu caso pessoal, o impacto foi positivo. Aconteceu em um momento em que eu questionava a escolha do curso que fizera e o contato com Chasin e Ester deu-me a certeza de uma boa escolha.

Participei do *Movimento Ensaio* e, depois de tantos anos, avalio-o como um movimento efetivamente necessário, muitas vezes mal compreendido, nadando contra a corrente dos modismos inconseqüentes da filosofia.

A vivência com os professores Chasin e Ester foi ao encontro de um modo de ser e de pensar que já me era próprio e um tanto sem referência e solitário, naquele momento. Consolidou posturas profissionais e pessoais.

Acrescento que vejo de maneira positiva esta homenagem, não como uma mitificação ou um culto à personalidade, mas como uma necessidade, no sentido de chamar a atenção para a importância do seu trabalho, que, em uma metáfora que o próprio Chasin usava, pretendia jogar algumas pedras sobre a lama, para que gerações futuras pudessem pisar. De todo o tempo em que tive o privilégio de conviver com Chasin, uma afirmação sua nunca me saiu da mente: ele dizia que, se havia uma vaidade que ele possuía, era a de não compactuar com este mundo, a ordem societária regida pelo capital. Lamento profundamente a sua morte, até hoje.

CELSO EIDT:

Ao spiritus rector Prof. Dr. José Chasin

Foi no ano de 1988 que conheci o Prof. Dr. José Chasin, no curso de mestrado em filosofia na Fafich da UFMG. Ele foi um dos intelectuais que mais marcaram meu percurso formativo, seja por seu trabalho filosófico, seja por sua generosidade humana, digna de um autêntico ser genérico.

Chasin desenvolveu um estilo filosófico característico, com fundamentos claros e objetivos, em que a exposição dos núcleos conceituais mais complexos se fazia acompanhar de análises contextuais, em que as elaborações próprias davam vazão aos elementos metafóricos, às ironias sutis e às críticas radicais, levando os princípios teóricos às últimas conseqüências. Nesta tarefa, publicamente explicitada, o cenário político brasileiro, então entusiasmado pelos ares da democracia e da cidadania,

torna-se objeto por excelência, temática de crítica profunda e impiedosa, dolorida para quem militava nos partidos de esquerda, mas que propugnava as exigências dos ideais universais da emancipação humana. Em meio ao entusiasmo geral pelos ideais da liberdade política, Chasin fazia a diferença, indicando a fragilidade do caminho que a “pseudo-esquerda” optara seguir. Aqui, a obra e os princípios da filosofia marxiana saltavam ao primeiro plano. O retorno aos textos de Marx, a investigação direta dos princípios e fundamentos de sua filosofia, constituíam tarefa primeira para aportar recursos e fazer frente aos desdobramentos da esquerda no Brasil e em nível planetário.

Numa perspectiva teórica clara, comprometida com a obra de Marx, Chasin não poupava esforços para difundir o projeto de pesquisa em marxologia, bem como as conquistas teóricas dele resultantes. Assim ocorreu na Unijuí (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul), onde, juntamente com a Profa. Ester Vaisman, as conferências sobre o pensamento político e ético em Karl Marx tiveram grande receptividade e causaram profundo interesse.

Para minha experiência intelectual, Chasin representa um marco insuperável na leitura e compreensão tanto da obra de Karl Marx quanto do exame da moderna relação entre a esfera econômico-social e a política. Fui orientando de Chasin e guardo do seu trabalho o mais profundo carinho; hoje, cada vez mais, percebo a dimensão dos ideais teóricos e sociais aos quais Chasin se dedicava; suas obras fazem uma grande diferença no campo do marxismo.

LÚCIA AP. VALADARES SARTÓRIO:

Eu conheci J. Chasin num curso de filosofia que ele veio dar em São Paulo, em março de 1988, na Associação dos Sociólogos do Estado: foram quatro encontros nos quais ele desenvolveu reflexões em torno da *ontologia*, bem como da *história da filosofia* e as questões político-econômicas mais polêmicas presentes naquele momento. Nos anos subseqüentes, acompanhei o modo como ele realizou outros encontros para expor seus estudos sobre o pensamento de Marx e sobre a história da filosofia, ou para expor suas reflexões sobre a realidade brasileira.

Em todos esses momentos, sua postura sempre foi a mesma: em qualquer lugar em que estivesse ele alterava a disposição das mesas para formar um círculo e abria os encontros convidando todas as pessoas presentes a falarem, a exporem suas idéias. Sem o controle do tempo das falas, as pessoas expunham as suas idéias e suas análises, se desejassem – a maioria das pessoas se manifestava –, e no final J. Chasin comentava e expunha as suas reflexões, sempre ricas e anunciadas de uma compre-

ensão ímpar sobre os acontecimentos que estariam por vir, sinalizando possibilidades que poderiam ser efetivadas nos rumos políticos do nosso país.

J. Chasin foi um homem profundamente ligado ao seu tempo e suas idéias foram produzidas no intercâmbio com os acontecimentos, embates teóricos, na luta cotidiana pela vida, contra todas as formas de estranhamentos, de subjugação do ser humano. Ancorado ao princípio marxiano – do auto-revolucionamento permanente, da compreensão da sociedade como comunidade humanamente social –, levou às últimas conseqüências a sua dedicação ao resgate do pensamento de Marx, à construção de um projeto marxista.

No decorrer da sua vida J. Chasin realizou um amplo debate de idéias, remetendo-se às questões centrais do nosso tempo, desde os embates filosóficos até as questões de ordem econômica e política, arte e literatura, enfim, trazia para o debate os problemas centrais da humanidade. Sua filosofia foi extremamente importante, justamente pelas propostas que ele apresentava e o significado que ela representava para a humanidade: *o canto do galo gaulês* que anuncia o novo dia, para J. Chasin, simbolizava os ideais que retiram poesia do futuro, que anunciam o limiar de um novo dia e identificam alternativas de superação da realidade.

A sua dedicação à retomada do pensamento de Marx, ao acompanhamento do itinerário do seu pensamento, foi uma tarefa imprescindível, pois, dentre os diversos marxistas atuantes no século XX, em grande medida, prevaleceu a análise parcial das obras marxianas, e muitas vezes um revisionismo que fragmentou e destituiu o pensamento de Marx. O resultado da investida revisionista levou muitas pessoas que se colocavam no campo da esquerda a aderirem à sociedade de mercado e não mais enxergarem as possibilidades de mudança desta sociedade.

Por isso, o trabalho desenvolvido por J. Chasin foi fundamental para reconstituir a produção teórica deixada por Marx, por ela ser uma referência imprescindível para a compreensão da sociedade capitalista, bem como da gênese da constituição da humanidade e do processo de desenvolvimento e transformação da história. No caso específico do capitalismo, pelo seu próprio movimento extremamente dinâmico de *constituir e dissolver, desenvolver e destituir*, ele segue o seu curso em constante transformação e desenvolvimento, produzindo riqueza e miséria, simultaneamente.

Em sua ampla pesquisa acerca do ideário de Plínio Salgado, J. Chasin trouxe à baila diversas questões pertinentes ao processo de constituição da história do nosso país e seu grau de inserção no capitalismo mundial. Chasin pensou o mundo e o Brasil, recusou análises subordinadas à imediatividade e, num esforço fenomenal, conseguiu acompanhar os diversos acontecimentos – por meio da análise da realidade singular e concreta, buscava identificar as mediações com a totalidade.

Não se pensa a *atualidade* sem compreender o passado, sem analisar o que *pensam* e o que *fazem* os vários extratos sociais, que idéias têm sido produzidas pelos vários expoentes da sociedade, e em que direção caminham seus pensamentos.

J. Chasin foi um homem inteiramente despojado de interesses pessoais e completamente envolvido e comprometido com os problemas humanos. Sua pessoa faz muita falta entre nós, pois não perdemos apenas um intelectual, perdemos um homem profundamente humano e amigo. Os seus ensinamentos e exemplo de vida, a sua produção teórica tão profunda e indicativa de futuro precisam ser estudadas e retomadas, se pretendemos lançar para o futuro as sementes de um mundo novo.

RONALDO VIELMI FORTES:

Vim a conhecer o Prof. Chasin logo após ter me formado no curso de graduação em psicologia. A convite um colega de turma – Fernando –, assisti como ouvinte às aulas do professor na graduação. As primeiras referências que tive de Chasin foram também a partir deste colega, que fez na faculdade Fumec a divulgação da famosa [Revista] *Ensaio 17/18*, com o texto sobre as eleições diretas de 1989.

Preliminarmente, meu interesse era o estudo de Marx, dadas minhas vinculações sindicais. Obviamente, ao assistir às suas aulas, as expectativas iniciais foram todas “destruídas”, no sentido positivo. A crítica e a perspectiva abertas durante as aulas que tive com Chasin foram essenciais para mudar minhas crenças e os projetos que tinha em torno da luta sindical. Particularmente, a radical contestação da propositura petista, que na época almejava a presidência da república. A identificação da crítica de Chasin com uma série de desleixos e “estranhezas” que via na prática partidária e sindical foi imediata.

Não foi apenas este aspecto que me atraiu, porém. O fascínio maior veio da percepção de que o pensamento de Marx não se reduzia à velha cantilena da luta de classes, do compromisso com a revolução, mas, ao tomar conhecimento, por meio de suas aulas, da perspectiva humanista presente na obra marxiana. O, para mim, inusitado preceito de que a revolução tem o papel precípua da emancipação das individualidades.

No plano da minha formação intelectual, minhas dívidas são bem maiores. Não apenas fui acolhido e muito auxiliado nos passos iniciais, mas o modo, o rigor, as exigências defendidas por Chasin no âmbito do trabalho intelectual me marcaram profundamente – juntamente com a Profa. Ester Vaisman. A relevância de Marx para a prospectiva humana, assim como a importância da obra lukacsiana na redescoberta da autenticidade do pensamento do filósofo alemão, é uma herança que carrego e

que carregarei ao longo de meus estudos.

Por fim, um lamento revoltado, lembrando Engels na morte de Marx: anos para se construir uma cabeça como esta, para que em apenas alguns segundos... A “biologia” interrompe toda uma potencialidade de anos de estudos importantíssimos, que somente uma cabeça como aquela teria efetivamente condições de pôr em curso.

ANA SELVA ALBINATI:

Conheci o Prof. Chasin no final dos anos 1980, pouco antes da mudança da Fach da Rua Carangola para o câmpus da Pampulha, quando eu fazia a graduação em filosofia. Não me lembro exatamente o ano, mas me lembro que a vinda dele para o Departamento de Filosofia foi cercada de muita expectativa, pois se tratava de um intelectual com reconhecimento nacional no campo do marxismo. Eu me lembro, particularmente, de um debate, ainda no prédio da Carangola, no qual se discutia a leitura lukacsiana e a leitura althusseriana de Marx, e havia, além dos estudantes da faculdade, militantes de partidos políticos e estudantes ligados ao movimento estudantil que ansiavam pela fala de um conhecedor de Lukács.

Foi a primeira vez que o ouvi falar. Eu não conhecia nada de Lukács e não tinha ainda me definido por nenhum autor como objeto de estudo para uma pós-graduação, mas desde já a seriedade de sua postura no debate me impressionou bastante.

Demorei alguns semestres a cursar uma disciplina ministrada por ele, por duas razões: a primeira é que eu cursava apenas a metade das disciplinas de cada período a cada semestre, por falta de tempo, e a segunda, bastante ridícula, é que corria uma fama do Chasin pelos corredores, como sendo alguém muito exigente, que intimidava os alunos com a sua intransigência. Então, eu via aquele homem barbudo pelos corredores e achava sempre melhor adiar a minha matrícula para o próximo semestre. Quando vim a cursar a primeira disciplina com ele, ainda na graduação, já estávamos no câmpus da Pampulha. Era engraçado porque o horário da disciplina era de 14:00 às 18:00 horas, e os alunos chegavam por volta das 14:00 horas, e iam ficando, conversando, e aí dava 15:00 horas, 15:30, e o professor não chegava. Mas o mais curioso é que poucos alunos se incomodavam com aquilo, a maioria era formada de alunos que já o conheciam e que, portanto, já conheciam o fato de que o horário para ele era apenas uma referência. Ele chegava sempre mais tarde, por volta das 15:30, e iniciava a sua aula com tranquilidade, entre uma baforada de cigarro e outra, sempre a partir de alguma coisa que estava acontecendo no país. Da mesma forma que não havia hora para começar, não havia hora para terminar, as aulas iam até às 20:00, 21:00, às vezes até às 22:00 horas.

Eu comecei a gostar daquele jeito irreverente que ele tinha, de se importar apenas com o que era importante de fato, o conteúdo, a discussão, enquanto o resto, as formalidades, os horários, tudo isso não tinha a menor importância.

A sala de aula tinha outra característica que também me agradava muito: era como uma reunião num outro espaço que não o acadêmico, em que as pessoas o escutavam com muita atenção, discutiam, tomavam café e fumavam sem parar. Embora eu não fosse uma fumante, aquilo não me incomodava, ao contrário, encantava-me sempre a irreverência que ele cultivava pelo local, pelas normas e pela “qualidade de vida”.

De fato, o que falavam dele nos corredores era, em parte, verdade: Chasin me intimidava um pouco, mas logo eu percebi que era uma intimidação proposital, provocadora. A exigência de rigor, de fundamentação, de contextualização, era um exercício difícil a que ele nos expunha o tempo todo.

Havia um aspecto do seu comportamento com relação aos alunos que eu apreciava especialmente: ele os levava a sério. Ele considerava nossas perguntas, desenvolvia a partir delas a sua reflexão e retornava a elas com um material mais vasto de pesquisa, incitando-nos a acompanhá-lo naquela trajetória. Na verdade, essa era a “braveza” de Chasin, a sua intransigência. O que eu pensava ser uma intimidação se revelou como um profundo interesse e consideração pelos alunos. Ele queria nos tornar aptos a uma conversação filosófica. O que não era fácil, devido à sua erudição e à sua capacidade de articular as questões e realizar uma reflexão original, interessante, instigante e, no mais das vezes, ao avesso das considerações tradicionais.

Ele me impressionava muito por sua segurança na exposição das questões, por sua franqueza e por um certo humor, uma espirituosidade muito peculiar que ele apresentava (às vezes, quase cruel, diga-se de passagem).

Quando eu comecei a frequentar alguns de seus cursos (e também alguns de Ester), dei-me conta de que havia um grupo coordenado por eles, empenhado em determinados aspectos da obra de Marx, e tomei também conhecimento da Editora Ensaio.

Acho muito significativo o fato de que um grupo se empenhe em um determinado objeto de estudo e trabalhe junto, o que é ainda mais interessante, se pensarmos o individualismo e a vaidade reinantes nos meios acadêmicos. Esse grupo tinha no Prof. Chasin a orientação segura, a definição dos pontos a serem pesquisados em torno de um objetivo maior, que era trazer à tona o texto do próprio Marx. Esta programação me pareceu bastante interessante e a ela me integrei quando do meu mestrado.

Da mesma forma, o esforço nas publicações das edições da Ensaio é outro pon-

to alto a destacar na trajetória do Prof. Chasin, pois significou perseguir um projeto de autonomia intelectual, fora dos modismos e na contramão das expectativas da filosofia contemporânea.

Mas a pretensão de Chasin era ainda maior. Recuperar o pensamento de Marx na atualidade significava uma contraposição às parcas expectativas da contemporaneidade, tanto no campo teórico como no da prática social e política. O seu horizonte era o da possibilidade de recuperação da perspectiva da emancipação humana, questão à qual dedicou os seus melhores esforços, identificando na filosofia de Marx o lume desse caminho. Interessava para ele, sobretudo, o resgate de Marx no sentido de esclarecer as opções e práticas políticas e os caminhos e descaminhos dos movimentos sociais na atualidade.

Essa pretensão de articular teoria e prática, de conciliar uma análise macro com as questões empíricas da cotidianidade, ou ainda de questionar a prática a partir da teoria, se é, por um lado, não só legítima, mas uma tarefa à qual a filosofia não pode se furtar, não é tarefa simples. Nós pudemos acompanhar em parte o seu esforço nesse sentido, que se traduziu em análises da conjuntura social em diversos momentos no Brasil, muitas das quais se mostraram bastante elucidativas da realidade nacional.

Eu posso dizer que a oportunidade que tive de conviver um pouco com o Prof. Chasin marcou, sem dúvida, a minha formação, a começar pela própria compreensão do que seja filosofia e do para que ela se destina. Eu me lembro perfeitamente quando ele dizia que a tarefa da filosofia é criar lucidez. Essa frase, aparentemente simples, carrega uma carga de esforço intelectual, de não submissão aos padrões e aos modismos e, mais que tudo, de entendimento da filosofia não como um jogo de paralelismos do pensar, mas como tarefa séria de responder aos impasses cruciais da realidade, a partir da apreensão do cerne da questão. Ela repõe a radicalidade do projeto marxiano de não se deixar enredar por aspectos secundários na análise das questões que tocam o problema da existência humano-social, no interior de uma inabalável confiança na restituição do projeto de emancipação humana, que sempre foi o seu horizonte maior.

RODRIGO ALCKMIN:

O meu primeiro contato com o Prof. Chasin aconteceu no curso de graduação em filosofia pela UFMG, no início da década de 1990, quando a Fafich ainda funcionava no antigo prédio da Rua Carangola. Apesar de não ter nenhuma referência sobre ele, desde o princípio, era notório o seu bom humor, acompanhado de uma fina ironia, conjunção que também ficava visível em suas inúmeras participações em seminários ou congressos.

Dotado de uma personalidade carismática, além de uma sólida formação teórica, impressionava a maneira como era articulada a história da filosofia com as questões mais imediatas presentes no cenário mundial. A argúcia das suas análises e o poder de síntese na exposição das idéias ultrapassavam o mero conhecimento acadêmico. Naturalmente, isso provocava um impacto em seus ouvintes; não era mais possível estudar filosofia alardeando toda aquela problemática levantada nas suas aulas e, ainda, não examinar com mais atenção os apontamentos para as suas supostas soluções.

Longe de um simples “carreirismo”, a qualidade do trabalho desenvolvido pelo Prof. Chasin encontrava consistência na elevação, ao primeiro plano, da emancipação humana. A seriedade empreendida nessa tarefa – seja como autor ou orientador – resultava em pesquisas marcadas, antes de tudo, pela exigência de um alto padrão de rigor. Nesse sentido, o projeto Ensaio revelou a lucidez das suas leituras sobre a miséria brasileira, assim como o esforço editorial na tentativa de mobilizar um maior número de pessoas, apesar dos obstáculos que num intento dessa monta se inscrevem.

A proposta de redescoberta de Marx é de suma importância para uma avaliação das contribuições deixadas pela sua obra. Penso que a ontologia marxiana forneceu o indispensável norteamto para toda sua atividade intelectual. Evidentemente, esse embasamento teórico, aliado à presença exercida pela sua figura, influenciava decisivamente o modo de ser e pensar dos seus alunos. A vivência com o Prof. Chasin, de certa forma, desnudava aquilo que Marx havia anotado em sua segunda tese *ad* Feuerbach, isto é, de que a questão sobre a realidade efetiva do pensamento não poderia estar isolada da prática.

ÂNGELO LEITE:

Cruz Costa, antigo catedrático de filosofia da USP, quando perguntado, respondia que não era filósofo, e sim um filosofante, além de ensinar que se devia fazer filosofia no Brasil com a cabeça nessas terras. Pensar em alguém como filosofante, então, não é nenhum demérito, e sim ver um pensamento lastreado numa dada realidade. É como penso sobre a figura do Prof. José Chasin.

Penso que a relação com o Prof. José Chasin teve alguma repercussão na minha prática profissional, particularmente naquela parte em que, ainda hoje, seja possível fazer algo de positivo no exercício da docência de ensino superior, mesmo que cada vez de forma mais rara.

Conheci pessoalmente o professor no início dos anos 1990, embora ouvisse falar dele (às vezes bem, às vezes mal) desde o final dos anos 1980, quando ingressei no curso de filosofia da Fafich/UFMG, como seu aluno da disciplina de filosofia no Brasil.

O que me chamou a atenção, de início, na pessoa do professor foi sua arte de falar em sala de aula, de um brilho incomum e muito próprio, o que já o distinguia dos demais, mesmo dos mais brilhantes na arte em questão.

Bastaria essa qualidade para tê-lo na conta de um mestre paradigmático, mas houve um dado a mais que repercutiu na minha formação, que foi a idéia de renovação da ontologia que, até então, pensava como um defunto pertencente ao cemitério da metafísica, tudo em razão do predomínio de questões de ordem gnosiológica e epistemológica até aquele momento do curso, que considero de encruzilhada e de queda no real.

Passei, então, como disse, não só a freqüentar os cursos ofertados, como a ler sobre o assunto, aliás, li todos os lançamentos da Editora Ensaio, projeto que tinha como figura central o Prof. José Chasin, e mesmo o sucessor desse projeto – os *Ensaíos Ad Hominem*, inaugurado um pouco antes de sua morte.

Em seu último escrito, que ficou inconcluso (é bom que se diga!), “Ad Hominem – Rota e Prospectiva de um Projeto Marxista”, ao analisar a composição acadêmica da época (consoante à política de então), marcada, naquele momento, por dois tipos predominantes: o alto e o baixo clero, Chasin destaca criticamente tanto as virtudes quanto os limites do primeiro, para em seguida tecer uma crítica impiedosa do segundo.

Retornar ao filosofante em questão, que espero não ter deformado em demasia, possibilita pensar, mais que se lembrar de sua morte apenas, não só as características que tomou a expansão do ensino superior no Brasil de agora, bem como do rumo tomado pelo país na senda que o leva a integração da nova ordem.

CARLOS MAGNO MACHADO:

Em 1991, o movimento social passava por um momento de muitas dificuldades. A desagregação completa do Leste Europeu caiu por sobre nossas cabeças, pois, ainda que pudéssemos ter algumas desconfianças quanto ao que lá ocorria, não conseguíamos ter uma análise que se fundasse nas reais concepções de Marx. A esquerda se orientava pelos manuais soviéticos, chineses ou albaneses, de qualidade mais que sofrível. Aquelas afirmações de nossos dirigentes políticos do “grande baluarte do marxismo-leninismo” e outras quimeras ruiu sem muito barulho, tal era o grau de desagregação interna daqueles países.

No bojo desse processo, ainda militando no PC do B, eu e mais um companheiro convidamos o Prof. Chasin para expor o tema Causas e Conseqüências da Estagnação do Marxismo, dentro do Seminário organizado pelo Partido, intitulado ‘Socialismo em Debate’. Já tínhamos, naquele momento, um contato com o Prof. Chasin, que, mesmo reclamando do tempo disponível, prontificou-se a expor o tema proposto. O debate ocorreu no Centro Cultural da UFMG, no dia 7 de agosto de 1991. Daí, foi um passo para me aproximar ainda mais do Prof. Chasin. Apesar de, em certos momentos, ser muito cortante, sob a forma de certa rispidez, respeitava-o pelo conteúdo das idéias que expunha com tanta clareza e disposição para alterar as nossas concepções. Dizia ele, em certos momentos, creio que parafraseando Marx, que “o velho parasitava o novo”. Considerava ser uma verdade, mas o mais difícil não era admitir isso, o difícil mesmo era proceder à nossa autotransformação. Chasin afirmava que, para compreender Marx, era necessário realizar uma revolução pessoal.

Outro momento importante da atividade fora dos muros da universidade foi quando da realização do Encontro da *Revista Ensaio*, nos dias 20 e 21 de fevereiro de 1993, em São Paulo, eu, já como participante do *Movimento Ensaio*; o Prof. Chasin fez uma exposição sobre o momento internacional que vivíamos e tomamos um posicionamento sobre a questão nacional mais polêmica naquele ano: a discussão sobre os sistemas de governo (parlamentarismo x presidencialismo). Tomamos a decisão pelo último. A discussão foi muito rica em ensinamentos.

Antes do primeiro contato com o Prof. Chasin, tinha uma leve referência de que existia na Fafich um professor muito polêmico, que se dizia marxista e que tinha vindo lá dos lados da Paraíba. Daí, a curiosidade, e no clima de queda do muro a aproximação foi necessária. Pois, como ideologicamente o quadro daquele momento impactava minha ação e percepção do mundo, o encontro com Chasin alimentou a busca de novo caminho, nas trilhas das formulações de Marx. Em 1992, já freqüentando suas aulas, chamava-me a atenção o andamento da aula. Cada uma era como

se Chasin estivesse escrevendo um texto. Tinha um roteiro e, mesmo com vários volteios, não perdia o rumo. Lembro-me de uma frase que me impactou e criou novo ânimo, era uma frase curta mas de grande valia para mim naquele momento. Exatamente ele dizia que “viver é resolver problemas”. Não sei explicar o porquê, mas o fato é que essa frase ficou gravada. Muitas vezes eram afirmações simples, mas com alta pertinência para a condução da vida cotidiana.

Tive professores muito competentes e dedicados, tanto no nivelamento [curso de disciplinas obrigatórias para quem não é graduado em filosofia] quanto nas disciplinas do mestrado. Eram professores cultos, mais ao estilo de certa ilustração. Por certo, essa postura agradava aos alunos, pois contribuía, de alguma forma. No meu caso, pelo fato de me encontrar dentro do “campo” do marxismo, e Chasin se ancorar nessa propositura, o meu interesse era evidente. Suas palavras não eram vazias. Estavam carregadas de convicção. Com ele não tinha essa de intervalo para ir à cantina ou ao banheiro. Tocava o barco. No período em que o Prof. Chasin estava elaborando o texto que posteriormente se intitulou “Futuro ausente” (não tenho muito certeza se era esse, mas creio que sim), ele tinha o texto como referência, passava a idéia para mim de que ele sabia cada detalhe do texto. Com a caneta a postos, em determinado momento ele dava uma parada, olhava para a janela e escrevia na margem do texto alguma observação. Isso apontava para o fato de que, ao falar, estava refletindo. Parecia que, súbito, emergia uma idéia e, tão rápido quanto as palavras, a anotava na margem do texto por ele em elaboração.

Chasin era um professor que não suscitava o meio-termo. Era oito ou oito. Sua franqueza, muitas vezes até a franqueza rude, era o seu diapasão de vida. Nada de conciliação! A busca da verdade era sua senda de vida. Ninguém é perfeito. Temos as nossas intolerâncias e outras agruras. Sempre raciocinei sobre as atitudes do Prof. Chasin do seguinte modo: pouco me importavam os seus defeitos ou forma de falar sem muito polimento; importavam sim, e muito, o seu profundo conhecimento, um manancial inesgotável em relacionar particularidade e universalidade. Suas aulas, para mim, eram lições de vida, no sentido mais profundo: do *de onde ao para onde*.

JURACY AMARAL:

Conheci o Prof. Chasin no início dos anos 1990, através de Carlos Magno, um de seus alunos no mestrado em filosofia. Antes, por volta de 1989, fui aluno da Profa. Ester, no curso de filosofia, quando a faculdade funcionava no prédio da Rua Carangola, Santo Antônio, mas não sabia nada sobre o Prof. Chasin.

Nas minhas conversas com Carlos Magno, fiquei sabendo que a aula do Prof. Chasin era sobre a obra de Marx, logo me matriculei como aluno irregular do mestrado em filosofia. Foram quatro semestres frequentando suas aulas, normalmente, às quartas-feiras de 16 horas às 19 horas.

Lembro-me da presença ativa do Prof. Chasin. Chegava, sempre com sua pasta marrom e muito ofegante, assentava-se, abria a pasta, pegava um maço de cigarros, um isqueiro ZIP, acendia um cigarro e começava a falar sobre o tema da aula. O que me chamava a atenção era o seu estilo de fumar, elegante, estilo aristocrático, que buscava a cada tragada um intenso prazer no hábito tabagista. Jamais me esquecerei do seu jeito inimitável de fumar. Durante a sua aula, que durava aproximadamente três horas, eu contava 28 ou 29 cigarros que ele fumava até o fim. Algumas vezes ele comentava que, devido à intoxicação tabagista, estava evitando o cigarro comum, mas nesses dias ele fumava charuto ou cigarrilhas em menor quantidade.

Nas avaliações orais ele me pedia para abordar um tema da teoria de Marx, elogiava quando eu conseguia me aprofundar no tema e responder de acordo com a proposição, às vezes ele me corrigia, mas suas intervenções me pareciam outra aula, uma nova abordagem para trazer à luz o que foi compreendido do pensamento de Marx. E, todas as vezes que eu entrava na sala, para fazer a prova oral, ele me falava assim: “você é um rapaz sorridente e está de bem com o mundo, não perca esse modo simpático e vamos para a questão!”

O Prof. Chasin me ensinou muito, não somente sobre Marx, mas, principalmente, como pensar a filosofia de forma crítica e dinâmica. Quando ele abordava a questão social brasileira, gostava de se referir ao grupo que estudou Marx nos anos 60 (Francisco Weffort, Fernando Henrique, Ruth Cardoso e outros) com uma pitada de crítica, analisava o cenário político da esquerda brasileira, falava sobre Brizola e prognosticava sobre o futuro do Partido dos Trabalhadores. por meio de suas análises não me surpreendi com o esquema de poder montado pelo PT, que culminou com o caso do “mensalão”. Não me lembro muito bem do texto, mas penso que seja um com o nome “A sucessão na crise e a crise na esquerda” em que Chasin evidencia certamente o desenrolar do processo político protagonizado pela esquerda brasileira.

O Prof. Chasin, para mim, foi o mestre da lição, ele se posicionava como um professor ativo, de saber trabalhado e refinado, detalhava para instigar o aluno a pensar e elaborar a partir das suas assertivas, algo muito raro nos tempos atuais. Depois de muito tempo, tive a felicidade de ter outro professor com estilo semelhante ao do Prof. Chasin, foi na UnB, um professor com estilo de professor – “um mestre da lição”, como Chasin.

Ainda leio a obra de Chasin, principalmente quando preciso me referir a Marx.

SÍLVIA PEREIRA BARBOSA E LEÔNIDAS DIAS DE FARIA:

Quanto aos aspectos positivos da personalidade do Prof. Chasin, restringimo-nos àqueles que para nós foram os mais importantes: a coragem e o compromisso irrestrito de assumir explicitamente uma posição filosófica, com seus desdobramentos práticos mais profundos, sem meias-palavras e, sempre, com a disposição para a discussão verdadeira – que se distingue em absoluto da mera “troca de idéias” típica da academia, que, sob o disfarce de busca conjunta de soluções para as questões, processa-se como instrumento de auto-afirmação e, em alguns casos, auto-ilusão, acompanhada de ilusão de outros.

Para ficarmos apenas no nível da menção, sem ir para seus desdobramentos, indicamos como méritos teóricos do Prof. Chasin a explicitação precisa feita por ele de alguns pontos extremamente importantes da obra de Marx: o estatuto ontológico do discurso marxiano; a detecção da atividade sensível e autoprodutora do ser social como instância a partir da qual o conhecimento, para este autor, não só se mostra possível como também se apresenta como indispensável; a determinação sociohistórica do ato de pensar e dos produtos deste mesmo ato, com a explicitação do caráter prático, efetivo, deste mesmo ato e destes mesmos produtos, que não se reduzem a reflexos da infra-estrutura; a sustentação do caráter secundário da questão metodológica para Marx (jogando por terra o cartesianismo dos pretensos seguidores deste autor, os idólatras do método dialético materialista etc.), bem como a sustentação de que, em qualquer autor, as questões epistemológicas metodológicas sempre têm como “chão” uma concepção de caráter ontológico, explícita ou implicitamente.

Além disso, devemos a Chasin a compreensão da filosofia como análise da realidade, como um discurso que não é autônomo, mas integra-se (ou deve integrar-se) como um elemento em um discurso mais amplo (em que se articulam também saberes científicos, técnicos e mesmo de senso comum – isto é, pré-teóricos, mas legítimos), discurso dotado de níveis diversos de abstração e de vários recortes da realidade, que tem a totalidade do ser (“o complexo de complexos”, expressão que traz saudades!) como seu objeto – não só admitindo, mas impondo o reconhecimento das várias formas de ser que em seu bojo se articulam e interagem de modos diversos, determinando-se mutuamente e determinando a realidade como um todo. Discurso coerente que, no entanto, não tem como objetivo a coerência, mas a reprodução mais fiel possível da realidade, tendo como propósito final, contudo, a

produção de vida humana! É o aspecto proponente da teoria! O objeto da filosofia, e isso nós aprendemos com Chasin, não é a filosofia, mas o mundo! E seu fim último é a lida consciente, responsável... livre com este mundo, o que inclui a lida de cada um de nós consigo mesmo e com os outros!

Pode-se dizer que tudo isso se deva a Marx, prioritariamente. Não sabemos se é o caso com relação a todos os pontos aludidos. Mas, mesmo se for, foi Chasin quem nos fez perceber isso tudo. E à preservação e divulgação da memória de tão grandioso e exemplar homem, pensador e mestre, dedicamos boa parte de nossos modestos esforços cotidianos.

LEONARDO GOMES DE DEUS:

Conheci o Prof. Chasin no curso de filosofia, que eu freqüentava como ouvinte ou aluno de disciplinas eletivas. Por um motivo prosaico, matriculei-me em sua disciplina sobre política: era o único curso da filosofia ministrado à noite, às vezes tarde da noite, entrando na madrugada. Diante de meu hegelianismo empedernido e antiesquerdismo (leia-se, petismo) contumaz, não tinha muito interesse, mas Chasin, de quem nunca ouvira falar, foi-me recomendado por colegas como alguém que pensava a obra marxiana como original e contraposta à obra hegeliana, como parte da filosofia, mas ao mesmo tempo dotada de nítida e original contribuição à reflexão filosófica. No final, a curiosidade e a peculiaridade do horário venceram.

Para um aluno de graduação apegado a provas, prazos, horários, anotações em aulas, à rotina acadêmica pedestre, em suma, o curso teve um impacto já em sua forma: não havia aulas no sentido tradicional, mas discussões exaustivas sobre os textos e sobre os temas em questão, no caso, a questão política. Em meu caderno dessa disciplina, só consegui anotar, nas primeiras aulas, a ementa, singela e despreziosa, explicada ao longo da primeira aula. Todas as aulas eram, pode-se dizer, provocações, era impossível sair indiferente, eram “provocações honestas”, expressão de Chasin; repentinamente, os alunos eram convidados a pensar sob um prisma completamente diferente, em verdade, eram convidados a pensar. O momento mais dramático do curso era a prova oral, que acabava por ser um diálogo, uma discussão: Chasin avaliava simplesmente a capacidade de pensar, tarefa esquecida nos cursos de filosofia. No caso da política, a pensar o seu enraizamento social e seu caráter incompleto – tratava-se de ser verdadeiramente radical. Além disso, várias aulas eram profundamente vinculadas a acontecimentos do momento, seja na ciência, seja na política do momento, algo estranho ao curso de filosofia e, até mesmo, à maior parte dos cursos de humanas. Finalmente, quando conheci Chasin, Marx já vivia o des-

crédito completo que sofre até hoje e a proposta de uma leitura de seus textos livre de uma série de preconceitos (tanto de seus detratores quanto de seus defensores) abria perspectivas profundas. Com isso, colocavam-se duas questões fundamentais, a da emancipação humana e, num nível teórico e prático, a retomada de Marx. Ao contrário da esquerda dos anos 1990, Chasin atacava as propostas de reforma e melhorias no sistema capitalista. Com isso, impunha-se exatamente a retomada da obra marxiana. Por isso, sua postura política imediata causava tanta polêmica entre os alunos, como o escândalo de votar em FHC.

Durante o curso tive a oportunidade de ler trechos do “Estatuto ontológico” e o texto, em suas duas primeiras seções, teve o efeito de convidar a uma nova leitura da obra de Marx, uma volta a seu texto original. Para alguém com interesse na política e no direito, os textos de juventude, recuperados e repostos em sua consistência própria, representaram também uma virada pessoal: da vida espiritual das leis, para as leis da vida terrena dos homens, questões postas em 1843 por Marx e discutidas por Chasin em seus cursos de política.

A partir desse curso, levei muito tempo metabolizando todas as idéias contidas ali, até me decidir a estudar mais seriamente as questões propostas, período em que ainda não conhecia a trajetória de Chasin e muitos de seus textos. Ainda fiz uma parte de seu curso de ontologia, embora a segunda descoberta de sua reflexão, infelizmente, só tenha se dado depois de sua morte. A partir daí, do ponto de vista intelectual, duas coisas me chamam mais a atenção: a reposição de Marx no curso da tradição filosófica, com continuidades e, sobretudo, com uma nítida ruptura, de caráter ontológico, algo que torna esses cursos de ontologia um contraponto autêntico a toda a reflexão sobre a história da filosofia. Em segundo lugar, e é o que até hoje me acompanha com maior detalhe, a necessidade urgente de pensar o Brasil e, também, aqueles que pensaram o Brasil. Descobrir os textos que Chasin produziu sobre a miséria brasileira, em seus múltiplos aspectos, sempre com uma perspectiva filosófica de fundo, é uma retomada de uma longa tradição brasileira e, no caso da perspectiva de esquerda, única nos últimos 30 anos.

Do ponto de vista pessoal, acho que o encontro com Chasin, sua luta e sua obra foi profundamente transformador. Para dizer o mínimo, Chasin convidou seus alunos e leitores a estudar Marx, autor mais completo do ponto de vista da posição de crítica e superação do capitalismo, e isso transformou minha visão filosófica. Essa análise, também, não se fazia apenas num nível teórico e abstrato, mas Chasin sempre remeteu sua visão à cotidianidade, propôs um modo de ver a vida de forma profunda, quase uma filosofia de vida. Lembro-me de suas últimas palavras em sala de aula, naquela conversinha de fim de ano, antes do recesso. Perguntado se a nova

editora [Estudos e Edições Ad Hominem] iria sair mesmo, disse, meio irônico, que a editora, na verdade, já existia; com os olhos sorridentes, cigarro na boca, ergueu os braços e disse enfático: “Produção!” – nada mais marxiano. A teoria marxiana aplicada na vida cotidiana, produzir sejam quais forem as condições, mantendo o “otimismo ponderado”, mesmo diante do futuro ausente.

FREDERICO ALMEIDA ROCHA:

*Monsieur, le créateur, à vous permis; chacun
est le maître dans son monde; mais vous
ne me ferez jamais croire que celui où nous
sommes soit de verre (...).*
Voltaire

Durante o curso de graduação na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, de 1995 a 1998, o que sempre me pareceu mais incompreensível e absurdo nas preleções de filosofia era assistir à montagem de discursos que, embora muito bem elaborados e sofisticados, nenhuma pretensão ou preocupação ontológica genuína possuíam.

Naturalmente, ao mencionar o caráter ontológico dos discursos, indo ao ponto central, nem sequer se leva em consideração o âmbito das pseudoproduções e das atuações pseudo-intelectuais.

A forma e o conteúdo predominantes nas aulas, em sua maioria esmagadora, ficavam muito aquém do que se espera naturalmente da filosofia: apreensão do real, tal como ele efetivamente é, e sua elaboração cognitiva. Crítica efetiva do real e do ideal. Todo discurso, ainda que não tenha a pretensão, está carregado de concepções e categorias concernentes ao meio efetivo de onde brotam (não de forma mecânica, é claro). Portanto, o mais jocoso era atentar-se às entrelinhas dos discursos, isto é, aos seus pressupostos, compromissos e conseqüências ontológicos. Aí é que deveria estar o substancial. E é aí, inegavelmente, que o alarido filosófico se revelava genericamente assombroso e atordoador, pois o que era para vir em primeiro plano, ao ficar subentendido (era casual?), tornava as excentricidades ainda mais grotescas. Certas postulações ontológicas chegavam a um tal nível de irracionalidade que em nada rebaixariam quem já nos quis fazer “acreditar que este [mundo] em que estamos [é] de vidro”¹.

Durante toda a graduação, prevaleceu o discurso especulativo, quando não abertamente relativista e diletante – era, de tal forma, o tom predominante nos debates

1. Voltaire. *O Homem dos Quarenta Escudos* (1768). Capítulo VI.

formais e informais, nos corredores e salas de aula, que por vezes se dava a impressão de que realmente não havia outro modo de se colocar a questão da finalidade e natureza da filosofia, senão pelas vias do diletantismo e do discurso falsificador. O que acabava contribuindo ainda mais para a visão adversária às luzes filosóficas, pois, a cada debate diletante, a cada colocação especulativa, a cada repelão do senso comum, a cada postulação do pluralismo irresponsável, a filosofia confirmava sua inutilidade histórica, capaz de abrigar todo tipo de espírito aventureiro e imaturo, incompetente e desavergonhado e incapaz de enxergar o óbvio. As exceções, e havia algumas, não chegavam a romper o caudal dessa romaria de pós-modernos apregoadores de disparates, pois sua predominância no meio e sua proliferação são mais o efeito das estruturas de certa quadra histórica, que criam sua demanda, do que propriamente o resultado de debilidades estritamente individuais, já que inclusive estas são o produto perfeitamente concebível de certas quadras históricas tão adversas quanto a nossa. Como a pândega acadêmica, em alguns casos, era lavada a sério pelos que a praticavam, e outras vezes era realizada por pura leviandade ou superficialidade, era comum a manifestação de discursos bem intencionados e sofisticados nos primeiros, adornados de admiráveis argumentações, mas inócuos e maçantes. No segundo caso, a miséria espiritual já possuía contornos trágico-cômicos.

Numa esfera à parte, deve-se ressaltar que alguns professores, competentes e sérios, de irrepreensível erudição, seguiam ministrando seus cursos (importantes, sim) no formato tradicional de leitura imanente dos textos, com extremo rigor e profundidade, mas sem se atinar às dimensões extra-acadêmicas do exercício filosófico. Excelentes profissionais da filosofia, mas sem qualquer pretensão de que os estudos filosóficos transcendessem o âmbito da pura história das idéias. A história do pensamento filosófico é necessária e grandiosa, mas como fim em si mesma perde o seu sentido.

Como até o sétimo período da graduação o discurso era invariavelmente o mesmo, dentro ou fora de sala de aula, isso criava certa atmosfera de *déjà-vu*. Já se sabia como eram manipuladas as categorias, quais truques lógicos ou retóricos usar para obter o efeito pretendido, sempre em função do próprio exercício argumentativo como fim em si mesmo, para exclusivo gozo dos próprios expositores e ouvintes, ainda que gerando incalculáveis deformidades ontológicas. As querelas sobre os fundamentos destes discursos, mesmo quando postas sob a insígnia ontológica, continuavam pairando nas incertezas de plataformas puramente teóricas, pois era discurso pretendendo validar discurso. Teoria fundamentando teoria. Como é evidente a arbitrariedade na escolha de qual seria a idéia fundante, a sensação de que qualquer discurso tinha validade era inevitável. E assim o era. O importante é quem

conseguia gritar mais alto.

As conseqüências são por si mesmas evidentes: pluralismo diletante, ecletismo, baixo nível teórico, vontades caprichosas por conta do casualismo teórico das fundamentações, incapacidade crítica, despautérios ontológicos etc.

Ao assistir pela primeira vez às aulas de Chasin na disciplina filosofia no Brasil, sétimo período, sem ter ouvido qualquer comentário anterior a seu respeito, duas coisas me surpreenderam imediatamente. Duas qualidades de caráter, na verdade, foram as mais imediatas: o caráter enérgico e resoluto da argumentação, bem como a paixão crítica e/ou crítica apaixonada nos temas explanados, pois eles brotavam diretamente da vida real, vivida, para a exposição oral e retornavam para os conflitos da vida real, procurando suas origens, fundamentos, resoluções, de forma universal, clara, lúcida, radical, profunda. Isso, ao mesmo tempo, feito com séria e respeitosa desmontagem crítica dos discursos descompromissados com a urgente questão do fundamento objetivo das idéias.

Mas, evidentemente, tais qualidades morais, embora tivessem, no caso do professor, relação explícita e direta com seu caráter, suas idéias e seus projetos, é algo que por si só não faria dele o grande mestre que foi. Ele trazia uma novidade ansiosamente aguardada por todos que estavam desejosos de ver o coreto da “querela dos fundamentos” abalado, no bom sentido.

Ao apresentar, na introdução da disciplina filosofia no Brasil, as conquistas filosóficas da equação “pré-teorética” para o problema das fundamentações, assimilada e amadurecida mediante as leituras da obra de Marx, recoloca corajosamente em discussão algo que estava fora de moda no gosto filosófico atual: a necessidade de um fundamento irremovível, não arbitrário, para a filosofia e demais produções humanas. E isso, dizia ele, encontramos no próprio Marx. Os textos realmente não o negam. O que gerava espanto e desconfiança. A própria razão, lúcida, não pode negar tal fundamento, a menos que pague ônus da prova, afirmava Chasin, que nada mais é que seu próprio esvaziamento ontológico, ou seja, sua própria extinção (para não falar em sua gênese, o que já descartaria o próprio surgimento da querela especulativa, seu ponto de partida).

Além de a questão parecer totalmente “fora de moda”, arrancando, em sala de aula, risos nervosos entre os pragmatistas, kantianos, hermeneutas etc., reações inflamadas de todos os lados, havia também o enfrentamento com as outras filosofias que colocam um fundamento teórico. Neste caso, reações vinham dos defensores da metafísica, do empirismo, do racionalismo, do hegelianismo etc.

Nas filosofias para as quais o fundamento é uma questão da velha metafísica, já morta desde Kant, a questão é mostrar, depois de Kant (sobretudo no século XX), que já não é necessário nem possível levantar qualquer fundamento. Portanto, elas

descartam a própria questão do fundamento como algo relevante e realizável. Essas filosofias, no fundo, acabam por colocar tudo e nada como fundamento, embora não o confessem de forma alguma. Nas outras, os fundamentos são postulações teóricas de natureza epistêmica ou ontológica, mas ambas elaboradas na forma de uma teoria arrimando a teoria.

Quanto às epistêmicas, é por demais evidente sua inteira incapacidade para solucionar a querela, dizia Chasin. Pois seu ponto de partida é a subjetividade, a lógica do sujeito, antes mesmo de apreender a lógica do objeto. No caso das fundamentações ontológicas, aparece também a questão do pré-teorético, sobretudo nas tentativas de Heidegger e Ricoeur, que Chasin menciona e critica no curso de filosofia no Brasil, pois ambos trazem uma concepção abstrata do pré-teorético.

Sobre um pouco da crítica direcionada, de forma sucinta e didática, em sala de aula, a Heidegger, afirma Chasin:

Ontologia Fenomenológica de Heidegger. Ponto de partida: a vida vivida ou pré-teorético. Experiência vivida: experiência existencial. Essa experiência parece ser um universal sem maiores problemas. Noção de experiência que engloba as experiências. Um pensar sobre si mesmo no mundo. Aleatoriedade: qualquer coisa cabe nisso. É uma experiência do indivíduo isolado que experimenta o mundo.

Derrelição: é o indivíduo isolado que experimenta o mundo (abstrai-se da sociabilidade). Existencialismo: indivíduo jogado no mundo, condenado à liberdade. O homem jogado no mundo e que tem que viver: condição humana. Uma vez posto no mundo, o homem está condenado a ser livre.

É uma concepção da vida vivida, como ela transcorre, não é uma analítica do cotidiano. É uma esfera, uma concepção abstrata do pré-teorético. Há um *reconhecimento* de uma *cotidianidade fundante* e o existencialismo aniquila isso. O homem é um nada, é um vazio na sua liberdade. O existencialismo não é uma analítica da cotidianidade. Campo puramente abstrato. Fundamento da teoria existencialista: o indivíduo isolado, sua condição é a do homem sofrendo a liberdade.

Chasin: a experiência compreende muito mais que a subjetividade (essa subjetividade impactada). Experiência subentende “lugar”, os “outros”, as ações praticadas etc.

Aquele pré-teorético abstrato já envolve uma concepção teórica: a noção de indivíduo fechado em si e jogado no mundo é pressuposto do existencialismo. O existencialismo é uma tentativa ontológica reducionista: todos os entes são entes de uma individualidade só: o homem. É uma *aparência* de remetimento à universalidade das coisas. É uma dissolução da ontologia, e não sua afirmação. Heidegger se situa no plano do sentido do ser. Sartre também é uma ausência de objetividade ontológica. O homem como ser do qual tudo o mais depende é uma negação radical de toda a ontologia. (Anotações de aula, 27 de março de 1998)

É claro que, para além do esquematismo e informalidade das anotações de aula acima, que não reproduz a riqueza do discurso falado, é incisiva e direta a crítica. O fundamento pré-teorético de que fala Chasin, que na verdade retira-o de Marx, é

também chamado por ele de fundamento ontoprático. O fundamento de natureza teórica revela sua relatividade, ou seja, é uma dada forma de conceber o caminho do saber (não as determinações do ser) nas várias formas particulares de empreendê-lo. Escolher entre um e outro fundamento é arbitrário. Todo fundamento teórico é questionável: é nada mais que uma escolha entre várias. Ele é uma contingência teórica. Não há nenhum fundamento teórico inquestionável. E, no entanto, era isso que ele pretendia ser. Se absolutizarmos o caminho trilhado, chegamos à supressão de todo ponto de orientação. Essa absolutização leva à negação do conhecimento. O caminho é romper com o fundamento teórico como fundamento válido e colocar outro no lugar. O fundamento não está na teoria, mas na prática: fundamento ontoprático. Ele parte da experiência real, de um todo vivido, do que é necessariamente vivido. Analítica da vida cotidiana, analítica da cotidianidade. Vale a pena mencionar toda a passagem de anotação de sala de aula em que Chasin apresenta argumentação para caracterizar o ontoprático e como este fundamento da filosofia marxiana é inquestionável e original na história da filosofia:

Antes de qualquer reflexo interior, eu já vivo em contato com as coisas no mundo: isso é um reconhecimento, uma constatação.

Eu constato, na imediaticidade do meu viver, que ele é uma infinitude de relações, de contatos (isso é irrecusável por qualquer tipo de teoria, porque eu não estou explicando essas relações, eu estou constatando que elas estão aí). Eu não preciso de uma teoria para dizer isso: eu faço isso no dia-a-dia, na imediaticidade direta. Ao sair de um prédio, eu escolho a porta e não a janela. Eu estou reconhecendo formas de existência objetivas.

Quando eu tomo um objeto, eu reconheço que ele é uma coisa externa a mim e que eu uso para meu benefício. Acertar ou errar – distanciamento adequado dos objetos – não é o que orienta a prática, de imediato. O ato prático se dá antes do critério de verdadeiro ou falso, a aproximação vivida com a coisa é anterior. A prática se põe não a partir de um fundamento pautado na verdade. Essa noção é dos gregos, da filosofia grega. A prática se põe como atendimento a algo que é mais vital que a verdade e ela se dá sempre, mesmo quando não se tem certeza da veracidade ou não do evento em questão. Falsidade e veracidade não impedem a prática, ela é indiferente a elas. Há algo que eu tenho de fazer senão eu não subsisto, se eu não fizer eu pereço: a prática é guiada pela necessidade: seu critério é a necessidade, não o verdadeiro ou o falso. A ação humana se dirige a fins. Dimensão fundante da ação humana. A ação visa a atender às carências objetivas do ser humano. Universo da vida vivida, da vida real: a vida cotidiana em que todos nós vivemos: artistas ou não, filósofos ou não, cientistas ou não. Não saímos dela nunca. É um engodo pensar o contrário, eu me fechar na minha vida individual, no meu recolhimento subjetivo.

Subjetividade não é ser, é predicado de um ser objetivo e que, para viver, tem de atender a exigências objetivas. A subjetividade não é substância, nesse sentido ela não é objetiva, ou melhor, não como as coisas sensíveis o são. A consciência é consciência de um ser objetivo: essa é sua condição de possibilidade. Ela não é uma coisa em si e por si, consciência é consciência da objetividade. Na imediaticidade do cotidiano, a subjetividade conscientiza que eu tenho fome e meu objetivo é buscar alimento. A prática é um complexo de ações sensíveis cujo momento fundamental é o atendimento de carências. Como ser objetivo,

o homem tem carências. Essa é a vida efetiva, inescapável, que se repete todas as horas do dia. Tudo o mais na vida deriva desse complexo da realidade da vida cotidiana, tudo se desdobra acima dele. A vida fundante para tudo é a vida cotidiana. O ontoprático é a constatação das experiências fundamentais. Há algo que liga todos os homens: para poder estar em condições de negar ou afirmar é preciso, antes de tudo, de “estar vivo”. Há uma condição objetiva, objetos fora de mim, independentes.

Os objetos de que eu preciso não existem na natureza, não estão dados na natureza, eu tenho de produzi-los, de modo que a produção é o meio de subsistência humano. Isso é irremovível, inquestionável. Sem isso todo o resto se torna impossível. Eu não posso abstrair dos meios, eles são um pressuposto objetivo. Isso tudo é o resultado de uma simples análise do cotidiano. Não há nenhuma teoria nisso, eu simplesmente li no mundo. *A filosofia dos últimos 50 anos tem sido uma corrupção da filosofia.* Aquele resultado da analítica da cotidianidade é uma abstração razoável: é aquele tipo de abstração mantenedora da efetividade, é o reconhecer do nervo fundamental sem o qual todo o resto é impossível. Essa constatação envolve uma operação mental (abstração razoável). Levou-se cerca de 2.500 anos, desde o nascimento da filosofia, para ser descoberta e, ao mesmo tempo, é tão simples. Só com Marx isso se efetivou. Se os meios de subsistência são irremovíveis, eu posso extrair dessa colocação que, se o homem produz seus meios de subsistência, ele produz a si mesmo, não como a metafísica faz, que parte de uma certeza abstrata. Nossa certeza é sensível. (Anotações de aula, 27 de março de 1998)